CONHECIMENTOS UTEIS.

ENCYCLOPEDIA.

(Veja-se a Revista Universal n.º 8, pag. 88).

1057 Se o convite que dirigimos aos sabios fôr acceito, deveremos, quanto a mim ordenar para logo o primeiro volume, ou a primeira lettra da Encyclopedia: concluido este primeiro ensaio, póde-se entrar immediatamente a agenciar os fundos, abrindo-se e promovendo-se as subscripções, ao mesmo passo que se forem publicando os successivos cadernos d'esse volume ou lettra.

Já no artigo antecedente observámos que os emprestadores dos fundos se podem reduzir ás seguintes classes: —

1.º Os collaboradores que exigirem por sua retribuição a correspondente parte do dividendo dos lucros que houver.

2.º O impressor que quizer entrar como accionista, pela totalidade ou parte da despeza da imprensa.

3.º O mercador de papel que do mesmo modo quizer figurar como accionista.

4.º Os capitalistas que se prestarem a suprir as despezas, que sobrepujarem aos valores mencionados nos tres paragraphos precedentes.

Para a administração dos fundos convirá, que haja um regulamento que, além da segurança resultante da boa escolha das pessoas, tenha por base a mais inteira e franca notoriedade entre os seus interessados.

Figurará em primeiro logar o thesoireiro, em cuja mão devem estar tanto os supprimentos dos capitalistas, como o producto das subscripções e venda, apenas se realisarem.

Um guarda-livros da escolha do thesoireiro deverá residir juncto ao caixa, que fôr designado pelo director da empreza.

Além do dicto caixa nomeará o director um administrador, encarregado de lhe apresentar as ordens motivadas que por elle tem de ser assignadas, depois de devido exame, para se fazerem na caixa os correspondentes pagamentos.

Ao director cumprirá tambem assignar a favor do caixa os chéques sobre o thesoireiro, segundo preciso fôr para se occorrer ás despezas.

Tanto aquellas ordens, como estes chéques deverão ser referendados pelo guarda-livros, a quem incumbirá a obrigação de glosar, com a exposição dos motivos, o que para isso lhe fôr apresentado, e intender ser contrario aos legitimos interesses de terceiro.

As dissensões que n'estes ou em similhantes casos se levantarem deverão ser decididas pelo arbitrio de tres louvados, previamente escolhidos, de commum accordo, pelo thesoireiro e director.

O caixa prestará perante o thesoireiro uma fiança pelo maximo das quantias que se intender deverem ser confiadas por cada vez á sua guarda.

Tanto elle, como o guarda-livros, haverão um ordenado que, de mutuo concenso e commum accordo, será estipulado entre elles, o thesoireiro e o director.

O thesoureiro perceberá as commissões de stylo. Tambem se deverá estipular a retribuição que deve competir a cada um dos collaboradores, dos revedores de cada uma das secções mencionadas no artigo segundo, e ao director, pelas paginas ou fracção de pagina, em que cada um d'elles tiver parte.

Assentada esta base se fará entre elles e os capitalistas o rateio dos lucros, que houver, *pró rata* dos valores, pelos quaes cada um, em rasão de seus capitaes ou da sua industria, avaliados da sobredita maneira, se achar creditado nos livros da empreza.

A determinação de todos estes pontos de reciproco interesse deverá fazer-se de mão commum entre todas as sobredictas pessoas, que teem direito para partilharem entre si os lucros que se houverem de realisar.

Affiançados assim por uma parte os interesses dos collaboradores, impressores, fornecedores de papel, e mais pessoas empregadas n'esta publicação; e por outra o bom desempenho dos deveres para com os subscriptores; ousâmos esperar se realise emfim entre nós este poderoso meio de diffundir, por todas as classes, o amor das sciencias; o bom gosto da litteratura e bellas-artes, e emfim todos os elementos de uma verdadeira civilisação.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

RELOGIOS.

1058 Dentro em pouco ninguem terá desculpa de não saber ás quantas anda. — Refere o *Standard* de Londres, que um inglez muito ingenhoso, e ha vinte annos relojoeiro, inventou certa máchina, com que se póde fabricar por dia bom numero de relogios. Uma juncta de relojoeiros, que a examinou, foi de parecer — que as rodas, assim feitas, excedem ás que se d'antes faziam. A qualidade dos novos relogios será portanto superior, e o seu preço incomparavelmente menor.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

(Continuado de pag. 88.)

1059 Segue-se a instrucção superior, que abrange a menos individuos, mas é de maior monta, porque dos seus iniciados, é que sae a pedagogía para a secundaria, como da secundaria sae depois outra para a primaria.

Póde portanto dar-se que uma só pessoa n'essa elevada região do saber, á força de se illustrar, dilate tanto a sua esphéra, que chegue a compreender as necessidades da sua patria e contribuir para a regeneração d'ella, delineando, propondo, e convencendo o governo a adoptar as suas idéas. A tanto não chega a instrucção primaria e secundaria.

Tendo a instrucção superior a primasia sobre as outras, e derivando-se d'ella infinitos beneficios para a sociedade, uma vez que esteja em harmonia com as suas precisões, tambem pelo contrario nada será mais infesto do que ella, se contraría ou não fortifica o espirito das instituições politicas, ou não chega a compreendel-as, ou se obstina nas mesmas doctrinas velhas depois de reformadas as instituições.

Terei accasião de mostrar esta verdade quando chegar a desinvolver o mappa que segue, e ainda outro se elle couber na paginação d'este jornal.

MAPPA.

Extracto reduzido de uma folha publica de 27 de Fevereiro de 1841.

Anno lectivo de 1839-1840. — Numero dos alumnos da Universidade de Coimbra, na primeira matricula, por provincias e districtos etc.

Naturalidades.		Theologia.	Direito.	Medicina.	Mathem.ª	Philosofia.	Total.
Vianna.....	Districto		15	2	2	2	21
	Capital		2		1	1	4
Braga	D.	1	26	2	4	7	40
	C.		5	1			6
Porto	D.		54	4	7	8	73
	C.		21	4	7	10	42
MINHO.....	.....	1	123	13	21	28	186
Villa-Real...	Districto		13	4	2	1	20
	Capital		3	1			4
Bragança....	D.		11	2			13
	C.		6		1	1	8
TRAZ-OS-MONTES	.....		33	7	3	2	45
Aveiro	Districto		31	4	6	5	46
	Capital		8	1			9
Coimbra	D.	10	45	27	8	10	100
	C.	1	25	14	12	22	74
Vizeu	D.	1	26	6	7	11	51
	C.		6	2		1	9
Guarda.....	D.	9	18	3	1	2	33
	C.		1			1	2
BEIRA-ALTA....	.....	21	160	57	34	52	324
Castello-Branco.....	Districto		10	1	1	3	15
	Capital		2		1	1	4
BEIRA-BAIXA...	.....		12	1	2	4	19
Leiria.....	Districto	2	7	1	2	2	14
	Capital		1	1			2
Lisboa	D.		12	4		1	17
	C.		10		4	3	17
Santarem	D.		8	5	1	3	17
	C.		1		2		3
EXTREMADURA..	.....	2	39	11	9	9	70
Portalegre ...	Districto		5	2		1	8
	Capital		1				1
Evora.....	D.		3	2			5
	C.		1			2	3
Béja.....	D.		3				3
	C.		1				1
ALEMTEJO.....	.....		14	4		3	21
Faro.....	Districto				1	1	2
	Capital		1				1
ALGARVE.....	.....		1		1	1	3
PORTUGAL ..	.....	24	382	93	70	99	668
A	B	C	D	E	F	G	H

Não pertendo eu aconselhar a propaganda, ou o cenobismo; porém uma vez que está reconhecido, que nenhuma sociedade se póde manter sem os preceitos de uma religião ¿ como é que montando a nossa povoação do continente e ilhas a 3,600,000 almas, e havendo mais de 4000 ministros do altar, incluindo n'esse numero acima de 250 dignidades ou prelados, a saber, 1 patriarcha, 1 arcebispo, 9 bispos, 12 governadores de bispado, 2 deões, 44 conegos, 73 beneficiados, 6 priores, 2 arcediagos, 12 capellães cantores, 2 regentes dicto, 4 prebendados, 2 mestres de ceremonias, 61 vigarios geraes, etc. (orçamento 1842) afóra 3769 párochos (Statistica — congrua dos párochos 1839-1840) não ha para irem suprindo as vacaturas, que a lei da mortalidade deve ir fazendo n'esta numerosa milicia espiritual mais de 24 individuos (columna C) isto é 1 em cada 166 que recebam uma educação academica? Nem se impute ao estado, como pouco generoso, esta relaxação. Pelo orçamento de 1842 foram destinados ao alto clero 177.036$064 réis, e para congruas dos párochos mais 634.772$102 réis, o que tudo sommado e dividido, vem a ser alguns 200$000 réis por individuo, ou a 5 por 100, um capital de 4.000$ réis a cada um, ou réis 16.000.000$000 para todos, ou 14 vezes, termo médio, para toda a população de Portugal tomada individualmente, cujo rendimento não passará por cabeça de mais de 14 a 15$000 réis por anno.

De 1800 a 1820, foram os academicos ecclesiasticos, termo médio, 290 cada anno, ou trese vezes mais do que agora são.

A naturalidade (columna A) d'esses mesmos 24 estudantes applicados á Theologia é a mais anómala que é possivel. O districto de Braga, séde primaz das Hispanhas, não tem senão 1 alumno, que vem a ser a unidade para 285,792 almas, povoação total do districto, e 1 para 802,642 almas, povoação total do Minho. Traz-os-Montes não tem nenhum. Segue-se porém a Beira, que só per si tem 21 dos 24, reservando-se o districto de Coimbra 11 d'esses 21, e o districto da Guarda 9, vindo a provincia a ter 1 estudante em Theologia por 50,815 almas, em quanto o Minho tem 1 em 802,646 almas; Traz-os-Montes nenhum, a Extremadura, 2 em Leiria e nenhum na capital. O Alemtéjo e o Algarve egualmente zero n'esta distribuição.

Não é só de provincia para provincia e de districto para districto que tem de se achar discrepancias tão notaveis nos estudos theologicos. Dentro dos mesmos districtos continua entre a população urbana e rural a mesma anarchia calada para que o Estado não possa tirar o maximo proveito, que deve receber de todos os seus cidadãos em geral. Se se reparar por todo o comprimento de alto a baixo da columna C, ha-de-se observar, que emquanto as capitaes dos districtos, isto é, a população urbana deu 1, e este em Coimbra, os districtos, isto é, a população rural, deram 23 estudantes, d'onde sendo a população urbana de Portugal de 212,214 fogos e a rural de 572,415 fogos (exame do orçamento pelo A.) veio a rural a ter 1 estudante por cada 24,875 fogos, e a urbana sómente 1 por 212,214 fogos. Esta distracção na população dos individuos que se devem presumir os mais abastados e mais

competentes para os trabalhos da agricultura, é um roubo que se lhe faz, e que não póde deixar de augmentar a pobreza dos nossos campos, já bem miseraveis.

(Continuar-se-ha.)

C. A. da Costa.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

O INFANTE D. LUIZ.

27 de Novembro de 1555.

1060 Um principe, discipulo de Pedro Nunes, condiscipulo e amigo de D. João de Castro, não podia deixar de saír grande protector de sábios, avisado e prudente no conselho, esforçado nos perigos, eminente em lettras, em valor, e em virtudes. — Tal foi o Infante D. Luiz, filho d'elrei D. Manuel. — Por isso não admira, que para abater o formidavel poder dos infieis, trocasse gostoso as delicias e regalos da côrte pelos riscos das tormentas e dos combates; que tivesse particular cuidado e disvelo de conchegar a si e agasalhar os cultores das lettras; que edificasse grandiosos monumentos de sua piedade e munificencia; e finalmente, que em todos os negocios graves do estado fosse o seu voto sempre consultado, e mui attendido por elrei D. João III, seu irmão. Em qualquer parte que se abra a historia do reinado d'este monarcha, ahi se achará sempre o nome do Infante D. Luiz, acompanhado dos mais levantados encomios de sua pessoa. — Nós aqui, nem podemos repetil-os, nem temos que accrescentar-lhes. Sómente aproveitâmos o dia anniversario de sua morte, para recordar a nossos patricios um dos muitos principes portuguezes, dignos de eterna memoria.

J. H. da Cunha Rivára.

O PRESBYTERO.

(Fragmento 2.º.)

XIV.

O Martyrio.

(Continuado de pag. 92).

1061 A campa do Mosteiro bateu tres pancadas com largos intervallos: é o signal que convoca as monjas a capitulo: para lá se encaminham. A donzella que n'essa noite chegara as acompanha tambem ahi. Entraram: as pesadas portas da casa capitular rangem nos gonzos cerrando-se, e o correr dos ferrolhos interiores rebôa ao longe pelos corredores monasticos. Ao mesmo tempo a ponte levadiça cáe sobre o fosso que rodea as muralhas do immenso edificio: um cavalleiro se arroja sozinho ao meio dos esquadrões do Islam que já subiram a encosta, e pede para fallar com o conde de Septum em nome de Atanagildo. Dentro de poucos instantes, eil-o que volta, e os mosselemanos param a curta distancia. Então um grande numero de creanças, de velhos e de mulheres, saindo como torrente comprimida do portal profundo do mosteiro, atravessam por meio de duas fileiras de soldados de Juliano e de guerreiros arabes, que vieram collocar-se aos lados da ponte. Esta multidão desordenada ondea, separa-se, apinha-se de novo para tornar a espalhar-se, até que desapparece ao longe, caminho das montanhas. Apoz ella, cubertos de seus saios de malha, mas sem armas, os soldados de Atanagildo seguem com rosto melancholico as mesmas trilhas por onde se vae escoando a turba, até que tambem como esta se derramam pelas selvas densas dos montes, e pelos barrancos escarpados, que retalhando os Nervasios dão passagem atravez d'elles para as regiões septemtrionaes da Hispanha.

Apenas o quingentario em que fôra o derradeiro a atravessar a ponte levadiça, volvendo ainda os olhos arrazados de lagrimas para aquella santa morada, desceu a encosta, as duas fileiras de soldados se arremessam ao fundo portal, cujas abobadas pela primeira vez rebôam com os gritos discordes de homens desenfreados, e o edificio solitario respondelhes com um silencio lugubre. Diante d'elles estão patentes as immensas arcarias e escadas, os longos corredores, os pateos espaçosos. Lá no centro o templo solitario com as portas abertas de par em par amostra-lhes aos olhos avidos as suas riquezas, ao passo que parece querer velar ao sol com as cores sombrias das vidraças das estreitas janellas o espectaculo das profanações de que na sua existencia secular vae ser theatro e testimunha pela primeira vez.

Como o tufão rugindo se abysma nas gallerias tortuosas da mina extensa e profunda, assim os godos renegados e os mosselemanos que os seguem de perto se precipitam dentro do mosteiro. Pelas arcadas e corredores, pelas salas e aposentos ouve-se o rir e bradar desentoado, o ruido de passadas rapidas, o tinir das armas, o estourar das portas. Arabes, mouros, soldados godos da Tingitania misturam-se, disputam, ameaçam-se, dividindo o sacco. Os scheiks e os capitães do conde de Septum vedam-lhes unicamente a entrada das habitações interiores, onde a riqueza do templo lhes promette á cubiça mais avultada presa. Elles sós se encaminham para essa parte, e desapparecem nos claustros monasticos, onde não ouvem outro signal de vivos, senão o som de seus pés, e a espaços o tinir das proprias armaduras que roçam pelos pilares de marmore, sobre os quaes repousam aquellas vastas abobadas.

Suintila, o deshonrado irmão do virtuoso Atanagildo, era do numero dos capitães que haviam primeiramente penetrado no claustro solitario. Tinha-se adiantado mais, e descia por uma escadaria estreita e lobrega que terminava, segundo parecia, n'uma quadra allumiada por muitas tochas. Esta circumstancia que lhe excitava viva curiosidade, o obrigou a apertar o passo. A meia descida parou. Crera ouvir um cantico enteado por muitas vozes accordes, que a espaços era interrompido por gemidos dolorosos. Escutou: não se enganava! Então o terror começou a apossar-se d'elle; e porventura teria retrocedido se não sentira que alguem mais o seguia. Eram dois scheiks, e um centenario do conde de Septum, que o caso guiara para aquella parte. Interposto entre o clarão avermelhado que sahia do subterraneo, e os tres que se approximavam, Suintila fez-lhes signal de silencio, e continuou a descer mansamente até chegar á porta, que dava da escadaria para o aposento

illuminado. Então conheceu onde estava. Era um d'esses logares mysteriosos e sanctos que a primitiva architectura religiosa construia debaixo dos templos — templos tambem, mas da morte; porque ahi sobre os altares repousavam as cinzas dos martyres, e aos pés d'elles os fieis que obtinham para ultima jazida uma pouca de terra onde ainda fosse affagar-lhes as cinzas o sussurro longinquo das preces, o perfume dos sacrificios: — Suintila achava-se na Crypta do mosteiro da Virgem Dolorosa. O clarão que vira, era o de muitos lumes, accesos em lampadarios gigantes, e reverberando nas stalactites penduradas das juncturas do marmore; era o reflexo das tochas que ardiam diante dos crucifixos, unicas imagens que se víam sobre as aras nuas. Em cada um dos tumulos das monjas antigas, enfileirados ao comprido dos muros, negrejavam apenas uma data e um nome. Era o que restava para memoria de muitas virtudes naquelles annaes do mosteiro, n'aquella chronologia de pedra. O sepulchro de Ingunda, viuva d'Hermeneghild, o desgraçado irmão de Rekkared, elevado mais que os outros á entrada do templo subterraneo, semelhava um throno de rainha em palacio de sombras, porque o ambiente grosso e frio, e o halito das sepulturas revelavam que ahi era o imperio da morte.

As torrentes de luz que innundavam esta morada de terror não permittiram a Suintila enxergar no primeiro volver de olhos os objectos que estavam ante elle. Espantado tentava descubrir no meio d'aquella resplandecente solidão algum vulto humano, quando os cantos e gemidos suspensos momentaneamente, romperam de novo: — primeiro, as vozes harmoniosas; — depois, o gemido intimo, doloroso, affogado; — logo, outravez o silencio.

Os dois scheiks e o centenario tinham chegado ao pé de Suintila. Animados uns pela presença dos outros, encaminham-se para o grande tumulo, e d'alli olham para o logar d'onde haviam soado os canticos. Eis o espectaculo, que teem diante de si.

Grossos e altos cancellos de roble separam do resto do templo, um extenso recinto sem sepulchros immediato ao altar principal: uma cruz agigantada avulta no topo: por um e outro lado d'aquelle espaço além das grades negrejam duas fileiras de monjas: muitas estão de joelhos e debruçadas sobre o primeiro degráu do altar: em pé, entre as duas fileiras uma d'ellas, cujos olhos desvairados reluzem á claridade das tochas, e cujo aspecto severo infunde uma especie de terror, tem na mão um punhal, cujo ferro sem brilho parece tincto em sangue. Juncto da monja um vulto de mulher vestida de branco sobre-sáe no meio das virgens cubertas de lucto: unido ás grades que defendem a entrada d'aquelle recinto, um velho, cujas melenas e longa barba lhe alvejam sobre os hombros e peito está de joelhos com os braços estendidos atravez da balaustrada: agita-o uma convulsão horrivel de pavor, que lhe embarga na garganta os sons articulados, e só lhe consente murmurar um ruido confuso semelhante ao respiro ancioso de agonisante. Um dos dois córos de freiras começa a entoar de novo os psalmos: a monja do punhal estende a mão ordenando silencio. Vae fallar. Suintila a ponto de arremessar-se para aquelle lado, pára e escuta as suas palavras; são lentas e lugubres como as de um espectro, que se alevantasse d'alguma das campas derramadas ao longo da crypta. Dirige-as ao vulto branco que está a seu lado:

« Ainda uma vez, nobre dama, attendei as supplicas do velho buccelario, que tenta salvar-vos. Para vós ha esperança na terra: a nossa móra no céu. Quando os infieis souberem que ainda existe na Hispanha quem possa quebrar com oiro o vosso captiveiro, ou vingar com ferro a vossa affronta, respeitarão a puresa da nobre virgem. A nós, que não temos ninguem no mundo, restava-nos unicamente o terrivel arbitrio que o Senhor nos inspirou. O martyrio não tardará a cingir-nos a fronte d'uma aureola de gloria: os anjos de Deus nos esperam. »

«A minha ultima resolução, veneravel Crimhilde, é acabar juncto de vós e de nossas irmãs. O meu animo sairá como o d'ellas illeso da ultima prova que o Christo nos pede na vida. Como ellas darei sem hesitar testimunho da cruz. O velho buccelario de meu pae mente á propria consciencia quando affirma que os infieis respeitarão a puresa de uma donzella goda. A infamia tem sido escripta por elles na fronte das familias mais illustres da Hispanha: o cutello ou a prostituição é o que os arabes offerecem á innocencia. Eu escolho o cutello; a morte val mais que a deshonra. Porventura para a evitar me guiou o Senhor ao mosteiro da Virgem Dolorosa. »

« Seja feita a vontade do Altissimo! : « — exclamou a abbadeça, alevantando ao céu as mãos entre as quaes apertava o punhal. »

A. Herculano.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1062 No BRAZIL vão-se apasiguando as provincias do certão. Os levantados de S. Paulo e Minas foram destruidos.

As tropas do MEXICO invadiram o territorio de Tejas. O presidente d'esta republica mandou fazer gente a toda a pressa.

Revivem em INGLATERRA as reuniões para se conseguir a modificação da lei dos cereaes, assim como as da parcialidade cartista. — N'uma se assentou em requerer á rainha convoque um parlamento, que não seja eleito pela venalidade e corrupção.

Consta que o governo inglez regeitára a mutua reducção dos direitos do vinho portuguez e das fazendas inglezas, de que resava a convenção feita em Lisboa entre o ministro britanico e o nosso governo. — Uma de duas — diz o Periodico dos Pobres do Porto — ou o governo inglez, entabolando taes negociações, não teve em vista senão obrigar indirectamente a Hispanha a fazer o tratado, resolvido a illudir e empatar sempre a negociação com Portugal; ou não podendo pôl-a em vigor senão depois de apresentada ao parlamento, que parece se não abrirá antes de fins de fevereiro, julga poder ainda com esta rejeição fazer melhor negocio comnosco.

Na FRANÇA vae-se declarando tamanha opposição á liga das alfandegas francezas e belgas, que o governo por contemplações politicas se vê obrigado a sobreestar no negocio.

Na HISPANHA vae crescendo a praga da renascente guerra civil. Os bandos carlistas trazem já o reino de Valencia sobresaltado. — As côrtes abriram-se no dia 14 do corrente.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1063 *Diario do Governo de 17 de Novmbro.* — Ordem do exercito n.º 52. — Portaria declarando que os regedores de parochia são empregados administrativos.

Idem de 18. — Portaria: providencias sobre a alluvião da Ilha da Madeira.

Idem de 19. — Decreto para a extincção dos corpos de Segurança Publica de Aveiro e Bragança. Portaria para que o sub-inspector do *Correio* entregue á Juncta do Credito Publico o dinheiro, que tiver em cofre, recebendo em troca bilhetes do Thesoiro.

Idem de 22. — Providencias ácerca de alienados. — Outras sobre cobrança da decima — Ordem do exercito n.º 53.

Idem de 23. — Portaria para que nas cadêas de Lisboa se façam alguns melhoramentos.

OS NAUFRAGIOS DA ILHA DA MADEIRA.

(Veja-se o artigo 1056*).*

1064 Vimos a perdição que na ILHA DA MADEIRA caíu pelos fins do mez passado. Primeiro que nos tornemos lá para dentro a considerar ós remedios, com que importa se lhe acuda, e as cautellas, com que se poderá occorrer a calamidades similhantes, dessempenhemo-nos da nossa palavra, memorando agora os naufragios, que a rodearam.

Já dias antes da alluvião andava o oceano alterado com ventanías de entre sul e sueste, como que ensaiando-se para as façanhas, que premeditava. Tanto os moradores da terra, que já não arredavam os olhos de sobre as vagas, como os navios que por entre ellas se andavam acossados e espavoridos, previam desastres infalliveis, e se apparelhavam, não a falseal-os, que não podia ser, mas a se compôr com elles por lhes minorar a intensidade. Intendiam os da terra no como haviam de acudir aos futuros náufragos, os maritimos, parte em se desviarem d'ella, parte em escolherem com tempo o seu proprio naufragio, e dirigil-o com acêrto.

A barca *Elisa*, que da ilha recebêra emigrados para o Brazil, e da qual piloto e capitão eram já fugidos para o chão firme, a barca *Elisa* vogava ao desamparo, e parecia condemnada a expiar com a sua propria anniquillação o crime de andar expoliando a terra alheía. Magnanimos até para os seus despovoadores acudiram-lhe os portuguezes. — Depois que o official de marinha Castello-Branco, seguido de uma companha de valentes maritimos lhe retomou e repoz no sólo natal os imprudentes e illudidos fugitivos — outro official tambem de marinha, Mauricio do Couto sóbe a ella, toma o commando, salva-a: — poucos dias apóz eram entrados pela barra do Tejo.

Com a *Elisa* abalroára a galera americana *Mary Kingland*, e n'esse lance em que lhe fez perder as vergas, houvéra se ella mesma ido a pique, se, cortando subito as amarras, não refoge para o largo. — *Success*, outra galéra ingleza, só a muito custo consegue á força de vélla arrancar-se da fatal proximidade da terra, onde estava surta; outro tanto no conceito dos peritos deveram de ter feito os demais navios, que todos porventura o podiam, afóra a triste da Gloria-Madre-Esperança, a qual havia perdido o gurupés, abalroando.

Vae nas 11 da manhã do dia 24: chega o vapor inglez *Dee*, traz 52 passageiros, que vem, segundo o costume, invernar agradavelmente na Ilha; o temporal, que o recebe, lança a seu bórdo a confusão e o terror, que elle mesmo infunde aos que de fóra o contemplam; alguns maritimos insulanos com a generosa ousadia, que distingue os homens affeitos aos perigos de um contínuo luctar com o elemento mais indomito, arremessam-se sem hesitação ao mar, atropellam as ondas, investem a morte, arrebatam, e conduzem sãos e salvos os passageiros ao estreito caes da *Pontinha*.

Por espaço de um dia, ondas e ventos, descançam um pouco para reassumir todas suas furias. Amanheceu o 26 com pavorosa catadura; o vento andava sueste, salta de improviso ao sul; o mar alevanta-se ferocissimo, investe e saltêa as praias, ostenta querer engulir a Cidade e mais a Ilha — Cidade e Ilha já áquella hora assoladas da innundação. — Das 4 para as 5 da tarde vê-se andar garrando o brigue americano *Créole*; forcejou em vão por ganhar o largo; lá vem abicando por entre o *Ilhéo*, e a *Pontinha*; encalha na praia, e jaz. — Grande turba havia já para alli confluido, mandados uns pelas auctoridades, outros a impulsos de sua mesma indole compassiva, e em tão boa hora que os naufragados estão seguros.

Vem cerrando cada vez mais o escuro do temporal e da noite; teem-se visto, e sabem-se pelas ondas, outros navios em egual apêrto; accendem-se pelas praias fogueiras grandes de alcatrão, e feixes de archotes, que ahi vão girando ao longo da costa, como denúncias da terra e reclamos para o naufragio, o qual — tantos são os perigos de todo o mar, — já como remedio se apetece; mas o vento como que acintoso, ao mesmo tempo que dissemina a morte por entre as ondas, anda apagando com indignação os pharoes que lh'a poderiam malograr: com todos os elementos luctam aqui os homens por todas as partes. Eis que para lá do forte de S. Lazaro encalhou a escuna ingleza *Wave*. Vão perecer todos, mas a todos os livrarão alguns mancebos intrepidos, que por cima de frágas horrorosas, em paragem que nem em dia claro e bonançoso é isenta de perigos, se arremeçaram a soccorrel-os.

Estão batendo as 8 horas da noite — na extremidade occidental da *Praça da Rainha* vem fracassar-se o formoso patacho portuguez *Novo Beijinho*: — filho de Setubal, em negra hora encetára elle a sua vida aventureira; nem a sua mocidade, nem a sua lindeza, nem a amorosa estrêa do seu nome, lhe valeram — n'uma praça de passeio ahi jaz metade do seu cadaver, e dos onze companheiros do seu destino, tres desappareceram engulidos pela resaca. Sobre este novo hóspede d'esta terra vem correndo um já antigo e costumado visitador d'ella, um bergantim inglez, o *Dart*, que em vão presumíra segurar-se com as suas duas grossas amarras de ferro; ambas ao mesmo tempo lh'as rebentou a soberba do temporal, atirando-o como por escarneo á mesma praça e ao mesmo ponto d'ella em que jazia o pobre filho do Sado. Scena é essa de confusão e pavor — por cima do esqueleto do *Beijinho*, unico intervallo que separa da terra o bergantim, veem-se á perturbada e intermittente luz dos fachos, ir e vir em desordem os salvadores e os náufragos: estes procurando desorientadamente a vida, aquelles reconduzindo-os a ella com perigo da sua. — N'este passo, glo-

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS

rioso como outros muitos para os filhos da Madeira, não havemos deixar sem particular menção o nome do Sr. Jacinto de Freitas Lomellino que ahi exaltou a sua humanidade a gráu de heroica, bem como no encalhar da escuna ingleza *Wave* o havia feito o Sr. Henrique Crawford, não inglez, como o seu nome inculcaria, senão portuguez de nascimento. — Ao tempo, que o patacho perecia, por similhante e ainda peior transe passava a *Gloria-Madre-Esperança*: — o como da sua perdição, não ha sabel-o — tem uns que se destruiria na praia á bocca da Ribeira da Praça; outros que á desembocadura da Ribeira de N. S. do Calháo; outros que defronte do Pilar de Banger; e outros finalmente que sem chegar á terra sossobrára. — Como quer que fosse, ninguem dos que lá vinham, appareceu; e do proprio casco só alguns raros e diminutos fragmentos se enxergavam ao outro dia fluctuando.

Emquanto estas coisas se passavam ás abas da Ilha, outras embarcações além da *Elisa*, andavam pelas aguas circumvisinhas gravemente trabalhadas — das quaes só duas apontaremos, por serem ambas portuguezas. — O brigue-escuna *Funchal*, que julgavam perdido pelas alturas da ilha *Selvagem*, só dias depois pôde ir surgir diante da cidade do seu nome. — A *Aguia*, que de Lisboa navegava para lá, e em sós tres dias era chegada á vista de *Porto Sancto*, em tamanho apêrto se viu n'essa altura com o temporal, que passageiros seus, já praticos do mar, e dos mares de todo o mundo, houveram por inevitavel o perdimento: — as vellas rasgam-se e voam — parte da mastreação desarvora — a corrente do leme rebenta — o mar entra e corre a seu sabor por todas as partes. — Grande era o numero de pessoas de ambos os sexos, assim nossas, como inglezas, que n'essa viagem se íam para saude ou negocios demandando a attribulada Ilha.

Não ha côres para descrever a consternação de todas ellas, o confuso dos seus clamores, o fervoroso das suas orações, o afflictivo das suas promessas — algumas damas inglezas a si mesmas, por sua mão, se amortalhavam, ajudando-se já com as rezas do passamento, abraçando as suas companheias, e despedindo-se até proximo encontro na eternidade. — Valeram o accôrdo e esforço do joven capitão, e seus marinheiros, que sem embargo da evidencia do perigo que a elles mesmos lhes arrancou votos, surdos aos offerecimentos de sacos de oiro, com que as mulheres os incitavam a arribar, e prevendo que peior fortuna os podia aguardar nas costas de Portugal ou Hispanha do que n'aquelle inferno de vagas, teimaram em pelejar com as forças e com a destreza contra os elementos conjurados — e venceram. — Tambem aqui havemos de particularisar um nome — que desejamos nós ser em todos os casos distribuidores de elogio aos dignos d'elle — o Sr. Duarte e Silva, que levava a bórdo a suas espôsa, correu á manobra, ajudando-a com o seu animo e exhortações, e não fugindo nem quando mais cerrado andava sobre todos o desalento.

A escuna de guerra — *Esperança*, — que foi a primeira portadora das fataes noticias a este porto, fôra ella mesma tambem testimunha e alvo da memoravel tormenta, sob cujo pêso andou largamente correndo em arvore secca açoitada e perseguida.

As providencias que na terra se tomaram para acudir aos naufragados e suas fazendas foram energicas e efficazes — quasi toda a carga do *Dart* e do *Beijinho* foi salva: das embarcações, que pereceram, postos a recado os remanescentes; e sem embargo do costume velho, geral e barbarissimo de se desacatar em similhantes lances o veneravel e ainda então mais venerando direito da propriedade, não só poucas houve d'estas violencias, senão que das poucas a uma parte se occorreu, que se não commettesse; outra, depois de commettida, se restituiu.

Auctoridades e empregados cumpriram exemplarmente os seus deveres — nomeal-os a todos não o podemos; mas tambem não devemos preterir com ingrato silencio os nomes do governador civil o Ex.mo Sr. Domingos Olavo Corrêa d'Azevedo, o do governador militar o Ex.mo Sr. D. Miguel José de Noronha, e o do administrador do Concelho do Funchal o Ill.mo Sr. Manuel de Sancta Anna e Vasconcellos.

REPRESENTAÇÃO PARA BENEFICIO DOS INNUNDADOS DA MADEIRA.

1065 A Sociedade dos Amadores da Scena Portugueza sollicitou e obteve do nosso illustre collaborador e amigo, o Sr. *Mendes Leal-Junior*, um drama novo, intitulado — O Pagem d'Aljubarrota — e do Sr. *Paulo Midosi* uma farça, tambem nova, com o que brevemente vae dar um spectaculo muito agradavel, o que é o menos — mas o que é o mais, e o que é o tudo um spectaculo, segundo se espera, muito proveitoso. — Sabemos que o joven poeta, sensivel e affectuoso, como todo o verdadeiro talento, ou pedíra ou tenciona pedir á Sociedade — que as entradas n'essa noite sejam pagas; e que se nomêe uma juncta presidida pelo ex-deputado da ilha da Madeira o Dr. *Lourenço José Moniz* para receber todo o producto e envial-o para lenitivo dos recentes infortunios d'aquella parte do nosso territorio. — Assim é que o genio revéla toda a alteza da sua origem divina; faz derramar aqui aos felizes lagrimas affectuosas e innocentes — e essas lagrimas converte-as para logo em pérolas, com que vae, em outra parte, mercar o pão e o vestido para o velho, para a mulher e para as creancinhas, que se finavam ao desamparo.

A GLORIA E A CHARIDADE.

1066 ¡ E assim havia de ser! — que ainda não é terra morta a nobre terra de Portugal. — As filhas de Joaquim Machado de Castro poderão, em Deus o esperamos, não ir mendigar *tres réis* aos pés da estatua eterna de seu pae. — A gloria que nos elle deixou, não será descontada pela vergonha da nossa crua ingratidão. — As filhas de Joaquim Machado de Castro curtiram annos de amargurada penuria, em quanto os seus conterrâneos ignoraram a sua sorte — agora que ella jaz patente levantar-se-hão á porfia os brios generosos para lhes acudir. Que se fiquem indiferentes as almas geladas e despoeticas, mas todos os talentos, e apreciadores dos talentos, contribuirão com a boa vontade, que é thesoiro mais fecundo que as burras dos viciosos, os quaes passeam ufanos por entre os vivos como vivos, trazendo morto e podre o coração.

Faustamente nos auspiciou estas esperanças a car-

ta que se vae lêr; o principe dos nossos ingenhos juvenís fez do seu talento de oiro o óbolo da esmola. A sua formosa tragedia VIRIATO já está em nossas mãos para fundamento d'esta obra de beneficencia e de justiça. Esperamos que não tarde em nol-a pedir algum emprezario desejoso de levar a palma aos outros n'este concurso magnanimo — e que os artistas scenicos portuguezes escripturados e não escripturados, se offerecerão unanimes para uma representação, que tamanho credito lhes ha-de tambem a elles grangear.

(Carta.)

Sr. Redactor. — Tendo eu visto no artigo 1029 do Jornal, tão distincta e superiormente redigido por V. um convite feito, em nome da charidade e do pudor nacional, aos Escriptores Portuguezes, apresso-me, como portuguez, em responder áquelle chamamento que julgo não póde deixar de ter écho nos corações de todos. Tomo pois a liberdade de offerecer para o fim tão christão por V. proposto (na falta de outras quaesquer producções) o meu drama intitulado — *Viriato.* Tem só o merito, ou antes o mal de ser portuguez, e por esta qualidade o contava eu guardar ainda longo tempo; mas certo de que nunca lhe poderei dar melhor emprego, de que apresentando-o como candidato ao grande concurso de beneficencia aberto por V. renuncío aquelle proposito em favor d'essas pobres Senhoras, tão ricas das glorias de seu pae e tão necessitadas de tudo o mais. Mais pobre é ainda a minha tenue offerta, mas espero que só pela intenção me seja acolhida. Guardava-a eu para a poupar á vergonha de ir enxovalhar a sua qualidade, unica, de portugueza nas mãos de estrangeiros ou de estrangeirados. Agora porém que tão portuguezmente póde ser aplicada não a considero já minha.

Sirva-se V. desculpar-me e receber os protestos da consideração com que me honro de ser etc.

Lisboa 22 de Novembro de 1842.

J. S. Mendes Leal Junior.

A ADMINISTRAÇÃO DO HOSPITAL.

1067 Reconhecemos e apreciamos as luzes, talentos, e serviços da Juncta, ou *Commissão*, administrativa do Hospital de S. José, demos no artigo 962 um publico testimunho d'isso mesmo. — Foi curto porque mal consente effusões de alma a estreiteza d'este jornal, mas foi sincero, como tudo quanto sae da nossa penna, e justo como para com todos o procuramos ser. — Menos justo não era porém o que por essa occasião fizemos, reservando uma boa parte d'esses loiros para um cidadão, que pela sua intelligencia, zêlo e esforços facilitou, que vontades boas se podessem converter em boas obras; — esta sua parte de gloria, pequena pelo papel, em que era offertada, mas grande, porque era nascida da fama publica, a modestia contente, de a ter merecido, refoge e se esquiva agora de a receber — ¿ceder-lhe-hemos retirando-nos? — não: o que se vae ler acabaria de convencer-nos, se outras provas nos faltassem, de quanto o refusado louvor lhe é bem devido.

Sr. Redactor. — Lendo o n.º 6 da Revista Universal, que V. tão bem redige, alli achei um artigo assignado por um dos muito dignos collaboradores do mesmo jornal, no qual, debaixo da epigraphe — o que é uma boa administração — se tracta do Hospital Real de S. José, n'estes ultimos mezes, dizendo, depois de fazer bem merecidos elogios á sua verdadeiramente philantropica, e zelosissima Commissão Administrativa — « que para prova da sua boa administração bastará saber-se, que tendo padecido o Hospital de « S. José, consideraveis atrasos, seguidos de todos os inconvenientes, que estes males pecuniarios sempre, e em toda a parte acçarretam, ao presente, e em pouco mais de » tres mezes, não só se conseguiu regular os pagamentos, « pondo-os em dia, mas ainda se logrou pagar 4 mezes por « conta dos atrazados, achando-se por este modo os empregados satisfeitos e contentes, os credores desassombrados, « e o serviço no melhor pé. As rendas são as mesmas. Todos estes milagres são fructo de uma sabia economia, da » conveniente arrecadação, e destribuição, e do zelo, e intelligencia no trabalho. »

Para que o publico possa mais desinvolvidamente conhecer, e melhor avaliar, quanto se expende no citado artigo, direi o que sei, como empregado que sou da repartição, e contemplado no mesmo artigo.

Quanto aos pagamentos — achava-se a maior parte dos empregados, no fim de julho do presente anno, com o atrazo de quasi 14 mezes nos seus vencimentos, e alguns havia a quem menos se devia, o que era uma desegualdade intoleravel — a Commissão, querendo regular os dictos pagamentos ordenou, que de julho em diante, elles se fizessem em dia, pagando-se no principio de cada mez, os vencimentos respectivos ao antecedente, e que o atraso fosse satisfeito, por uma quantia, que semanalmente seria detalhada, para o solver, e assim o tem religiosamente observado, de maneira, que desde 2 de agosto, até ao fim de octubro, se realisou o pagamento dos mezes, de julho, agosto, e septembro do corrente anno, e o dos de junho, julho, agosto e septembro do anno passado, a todos os empregados, e pensionistas. Aos credores — fornecedores — tambem se pagou regularmente: sendo as rendas as mesmas, parece isto um milagre, pois não o é. — Tudo isto é devido ás efficazes diligencias, que a Commissão empregou, para conseguir, como conseguiu do Governo de S. M. F. que os rendimentos pertencentes ao estabelecimento, que entravam primeiramente no Thesoiro Publico viessem, como veem directamente, para o seu cofre, e que désse mensalmente, como tem dado, a quantia de 2:000$000 rs., por conta do que lhe deve o mesmo Thesouro; das economias, que tem ordenado, e das vantagens resultantes, de serem feitos os fornecimentos, por arrematação, no que tem ganho o mesmo estabelecimento, 20, 30, 40, e 50 por 100, e em alguns casos ainda mais.

Quanto á parte com que fui contemplado no dito artigo, agradecendo muitissimo ao seu auctor, a maneira porque me honrou, direi; que em quanto dirigi a repartição, no impedimento legal do seu chefe, empreguei todos os meios que pude, no que fui coadjuvado pelos meus habeis, e honrados collegas, para que a arrecadação se fizesse o mais zelosamente possivel, e que as ordens da Commissão, fossem exactissimamente observadas, no que cumpri o meu dever. Concluindo declaro, que á Commissão cabe toda a gloria dos melhoramentos ennunciados, e a mim a honra de executar fielmente as suas ordens.

Rogo a V. a mercê especial de mandar publicar a presente no 1.º n.º do seu interessante jornal, pelo que ficará a V. muito grato, o que se honra de ser, de V. etc.

Antonio Candido Pereira da Cunha.

Lisboa 5 de novembro de 1842.

TERROR PANICO DOS ESTUDANTES DE COIMBRA.

(Carta.)

1068 Esta cidade sempre foi sadia, e de tão benigno clima, que dos mil e tantos estudantes, aqui vindos annualmente a cursar a Universidade das várias partes e regiões do mundo, de maravilha morre um. Principiou porém com má estrêa o presente anno lectivo, porque já se finaram tres estudantes em seguida; disse-se que o primeiro morrêra de typho, os outros dois tambem succumbiram a esta molestia, segundo o testimunho do Sr. Dr. Calixto, que os tractou.

Estes simplices factos incutiram tal terror nos estudantes, que uns se retiraram á pressa da cidade,

outros adoeceram só com a idéa de serem atacados, espalhando-se em breve a noticia de que em Coimbra grassava um *typho epidémico e contagioso*. O Ex.mo Governador Civil, mandando proceder ás necessarias averiguações sobre o fundamento de tal noticia, foi officialmente informado de que não existia tal epidemia contagiosa, o que fez publicar por editaes. — Com effeito ao presente não ha na cidade outras molestias além das proprias da quadra; e se o terror, que se apoderou dos estudantes, fosse bem fundado, o Sr. Dr. Calixto, delegado do Concelho de Saude Publica, daria logo, sem duvida alguma, as providencias que as circumstancias e gravidade do caso exigissem.

Coimbra 19 de novembro.

R. de Gusmão.

ASNO MORTO.

1069 Houve tempo, em que n'esta boa terra de Portugal os anciãos sentados perto da lareira, entretinham seus filhos, contando-lhes antigas tradicções, que andavam como vinculadas em certas choupanas, certas aldêas, e até em certos palacios; e n'esse remanso d'alma, que só a fé e a esperança podem dar, é que pensavam no futuro dos seus descendentes. «O mais velho pertencerá á lei, os outros ao altar, e á espada — á patria e religião» — era este o futuro que antigos portuguezes preparavam para seus filhos. — O correr do tempo devia de trazer mudanças n'estas diversas profissões; trouxe-as, para a Europa assisadas e valiosas; mas para a nossa patria, disparatadas e ridiculas. Hoje, n'esta boa terra de Portugal, os anciãos empertigados, contrafeitos e desdenhosos miram-se com cuidado, senão com vaidade, nos espelhos que forram as salas do baile, para depois deitarem a microscópica luneta a uma das formosas deidades *de gaze* ou de veludo, que vai dançar a primeira contradança com o ente insípido e afeminado, que lhe dá o braço, e n'este embrutecimento d'alma, é que pensam (se pensam) no futuro dos seus descendentes — «O mais velho será empregado publico; dizem que se não paga; mas quem sabe viver rebate os seus vencimentos a duas ou tres pessoas ao mesmo tempo, e d'este modo póde ter ordenado dobrado. — Os outros traduzem romances, e por 40 réis cada semana ninguem deixará de querer em casa as obras dos *melhores auctores romanticos*.

As rabecas tocam a rebate, e o exercito das casacas, dos *blonds* e das *caças de lã* entra em movimento; formam-se os quadrados, e ao brado de *en avant deux* começa a contradança; e o pae de familias deixa de pensar nos filhos para todo se entregar a Terpsíchore.

Depois do que temos dicto annunciarmos que vae apparecer uma traducção, não é annunciar que se encontrou o local, em que se formam os diamantes, nem que se descobriu a permutação dos metaes. — Estamos na épocha das traducções, não ha remedio senão conformarmo-nos com a vontade dos novos litteratos do diccionario (talvez alguns o não usem, ao menos assim o parece): mas se não podemos oppor-nos a esta tendencia dos, que para desgraça da nossa lingua e da nossa moral, aprenderam a lêr e escrever, e *o seu pedaço de francez*; podemos insistir em que haja escôlha no que se traduz — devemos aconselhar, previnir muitos, que de boa fé lançam mão de um livro para traduzir; e sejamos francos, como sabemos que muitas traducções se fazem sem ter o cuidado, de lêr primeiro o livro, estamos certos de que sempre será tempo de se tirar proveito dos avisos, e conselhos da imprensa, e hoje só ella póde zelar a moral, só ella deve velar pela conservação da virtude, se quizer sustentar-se; foram estas considerações, as que nos obrigaram a pegar na penna, assim que soubemos do intento que havia de traduzir «*L'Ane mort*» escripto por Mr. Jules Janin. — Não sabemos quem empreendeu a traducção; mas podemos affiançar, que duas pessoas compraram exemplares d'esta obra para a traduzirem — esta nossa declaração servirá de proveito a uma d'ellas, e a nossa opinião ácerca do livro, desejamos que sirva de conselho á outra, para desistir de o traduzir. O livro é bem escripto, Mr. Jules Janin não póde escrever mal; mas Parny e Pigault Lebrun tambem não escreveram mal — esta comparação não diz respeito aos escriptores; mas ao nosso modo de julgar — porém foi composto para a França, e com um fim litterario, que se o preenchesse, os seus resultados seriam muitos e benéficos — Cervantes com o D. Quixote destruiu a cavallaria andante — Mr. Jules Janin com «*L'Ane mort*» quiz acabar com os delirios da litteratura moderna, mas em vez de cauterisar pouco a pouco essa chaga immensa e hedionda que viu diante de si, quiz fazel-a desapparecer de repente; e os remedios fortes que lhe applica só podem agraval-a mais, e muito mais. — O final d'este livro encerra o pensamento que lhe deu origem. — O escriptor que hoje segue a maxima de procurar o horror na verdade e a verdade no horror, é o heroe de todo o assumpto; a heroina é essa litteratura contrafeita e informe, que resulta de similhante maxima, a qual é representada por uma prostituta; que desde a pobre aldêa onde nasce, até á guilhotina onde expíra, calca e despedaça todas as esperanças e illusões da vida, que podem alimentar a alma de quantas a cercam; a sua primeira victima é um homem que tem a desgraça de a amar, a ultima um burro que teve a desgraça de ser o seu companheiro da infancia. — O homem que ama esta mulher innocente, prostituta e homicida de joelhos juncto da sepultura, que a preço de oiro tinha comprado para enterrar o cadaver da criminosa, que tanto amou e ama ainda, cadaver que a Phrenologia lhe roubou, profere estas palavras, que terminam o livro:

— «Et voila pourtant, malheureux que tu es, «m'écriai-je dans mon désespoir, ce que tu as ga«gné à courir après l'horrible: plus d'espérance «dans ton âme, plus de larmes dans tes yeux, plus «de fleurs dans tes mains, plus rien même dans ce «tombeau.» —

Graças a Deus, estas palavras escriptas para a França, não tem applicação a Portugal, e se algum litterato nosso quizer aproveitar-se d'esta licção de certo ha-de lêr o original. — O livro tem capitulos que o pae e o esposo não devem deixar lêr á filha nem á esposa. — A prostituição, que, como diz Mr. Jules Janin, é em Pariz a rainha da noite, apresenta-se na sua obra de modo que se sente fe-

rido o coração, afflicta a alma ao vêr aquellas paginas em que a moral, nem póde erguer a voz entre o ruido do crime que a suffoca. — Em todo o livro a prostituição apparece, umas vezes altiva, rica e soberba, outras vil e asquerosa, e outras homicida; e sempre infame. — Deixae a traducção de tal livro, que tem um merecimento especial e relativo, e só para a França, e o tempo que se havia de esperdiçar em o traduzir, seja dedicado (já que assim o querem) em traduzir alguma obra de que se possa haver proveito. Traduzam livros em que haja moral pura sem fezes; que não seja como a de Paulo de Kock, ou em que venha sciencia ao alcance de todos. — O mal de nossa patria está na sua ignorancia e desmoralisação, o remedio só póde ser a sciencia e a moral.

Sebastião José Ribeiro de Sá.

O THEATRO DO ROCIO.

(Veja-se o artigo 963.)

1070 Despresando dicterios insensatos, affirmativas não provadas, e simples negativas de factos a favor de cuja veracidade se adduziram provas, o Sr. Visconde de Villarinho prosegue firme na sua obra de nacionalidade e de consciencia. Acaba de publicar-se uma segunda parte de Reflexões Criticas ácerca do novo theatro: aqui, ainda mais que na primeira parte as doctrinas dos mestres se contrapõem ao grande desvario de pedra e cal de que está ameaçada Lisboa. A cruel moderação da sciencia refuta com serenidade o furor impotente da insciencia, que na falta de raciocinios escarnece aquillo que seriamente não póde rebater. A avidez, com que se procurou e leu a primeira parte d'estas reflexões, é fiadora de que egual acolhimento terá este novo papel. Fôra inutil por isso summarial-o e substancial-o aqui. A clareza d'este escripto torna escusados os commentarios. Qualquer homem de mediocre juizo poderá por si avalial-o. Pela minha parte confesso, que esta segunda publicação veio confirmar-me na opinião que formei d'este triste negocio, apenas li a primeira, e que disse sem rebuço, porque nunca escondi as minhas opiniões, boas ou más, e nunca mercadejei com ellas.

Consta-me que ahi n'um papel, não assignado ou porque o auctor d'elle não se chama nada, ou por que se envergonha do seu nome, sou tractado de fanatico das coisas patrias e de despresador do povo, sobre cuja importancia social se me dá uma ridicula licção. Nunca Deus me desampare a ponto de o lêr e tornar-lhe resposta. Pelo que toca á licção sobre a importancia do povo, vinda d'Italia deve ser demasiadamente deliciosa, para mim que sou pouco dado a deleites: e quanto ao fanatismo da patria, honrosa injuria é essa no intender de todos os filhos do velho Portugal. Esta opinião vem de um sentimento que só compreendem os que não são *homens de creação* dos sargentos austriacos, ou dos seus *seides* transalpinos. Para intender tal sentimento cumpre ter patria: não serei eu que tente explical-o áquelles que não ousam têl-a.

Uma observação porém me foi feita por pessoa que falla portuguez, escreve portuguez e é portugueza — desgraças que, segundo me dizem, não pesam sobre a cabeça de quem me deferiu ao tribunal do povo e da philosophia: esta observação contém uma idéa que póde ter achado entrada em mais espiritos: consiste ella em que transportada por mim a questão do campo da arte para o da nacionalidade a defesa do réu se torna impossivel, porque nenhuma penna portugueza se atreverá a defendel-o. Isto é inexacto. A questão de nacionalidade assentei-a no presupposto de que os factos estabelecidos pelo Sr. Visconde eram verdadeiros. ¿Que resultava d'elles? — Que se havia preferido o pessimo estranho ao bom ou soffrivel portuguez. Ha n'este acontecimento um delicto flagrante não só contra o pundonor nacional mas contra o senso commum. Nenhum individuo, que não se envergonhe de pertencer a esta nação generosa, que, embora a façam desgraçada, nunca saberão envilecer, tolerará sem indignação similhante procedimento. Aquelles factos estabelecidos por um homem que punha o seu nome á frente do que escrevia, e que n'este nome conhecido por lettras e serviços ao paiz tinha mais que perder que os seus antagonistas jamais terão nos proprios nomes; aquelles factos, digo, traziam comsigo a plena sancção do criterio moral, ou este não existe no mundo. Assim eu não fiz mais que tirar a conclusão logica d'aquellas premissas, conclusão que tiraram comigo todos os corações e intendimentos, em que ainda não morreu o crer e sentir portuguez. Os que não sabem o que é este crer e sentir; ¡ coitados! — d'esses lastima e dó tenho eu.

¿E o que se passou depois não veio demonstrar plenamente que com sobeja rasão me tinha fiado na probidade do Auctor das *Reflexões*? ¿Qual é o estado actual da questão? Vejamol-o. O Sr. Visconde de Villarinho trouxera o negocio ao supremo tribunal da opinião publica — a imprensa. A sua querella importava graves accusações de offensas commettidas contra a arte e contra a sciencia n'uma obra que pertence á nação: o pleito corria diante do legitimo juiz — o publico. ¿Que fez o réo? — Em seu nome declarou um jornal que elle só o despresava; porque a tanto montam as palavras que lhe attribue o seu defensor. ¿E quem deu direito a um estrangeiro, sem precedentes que o façam conhecido, a despresar uma accusação grave d'incapacidade quando se tracta de um negocio nacional? ¿Quem o exime de submetter-se ao jury supremo de taes materias n'uma sociedade livre? Não é o accusador o injuriado; injuriado é o juiz; são-no os principios, são-no as prescripções moraes, que nenhum homem honesto ousa quebrar n'um paiz onde as instituições dão ao povo o direito de approvar ou condemnar alto e bom som os funccionarios que o servem; e o architecto do theatro é hoje um delles. — Em Roma, e em Milão, ou *em Lucca*, bem sei que não é assim; mas isto succede em Lisboa, onde o sabre austriaco e a partazana do suisso papal ainda não substituiram a opinião publica e o sacerdocio da imprensa.

Supponhamos que as accusações do Sr. Visconde são infundadas; são, se quizerem, absurdas e insensatas. Provem-no; porque não basta affirmal-o; não basta negar simplesmente dois ou tres artigos de uma larga e justificada querella. Mais; demonstre-se, que o desenho perigrino leva vantagem a to-

dos os domesticos; porque essa comparação ainda se não instituiu perante o publico, e nem sequer perante delegados do governo, intendidos na materia. Discuta-se, o que já hoje não póde deixar de ser discutido sem grave offensa da dignidade nacional, sem affronta á decencia, sem uma brutalidade indigna d'este seculo, que não admitte se responda a raciocinios com a auctoridade de nomes illustres, quanto mais com a de nomes perfeitamente obscuros na republica das intelligencias. ¿Porque a Italia *foi* a principal séde das boas artes, segue-se d'ahi que qualquer homem lá nascido possa vir dizer aos portuguezes — não dou resposta ás sérias accusações que contra mim fazem os vossos naturaes, em materia que vos importa a todos? — Estas palavras traduzem-se nas seguintes: — callae-vos, selvagens estupidos, porque para vós seria inintelligivel um negocio de arte. — Se isto não é demencia, é uma coisa, cujo nome os respeitos sociaes exigem, que eu deixe de escrever aqui.

Intenda-se pois bem. A questão de nacionalidade veio apoz a questão artistica. Se a primeira se resolvesse de um modo vantajoso para o accusado, a segunda caía por terra. Nenhumas relações — absolutamente nenhumas — tenho com o Sr. Visconde, e no mesmo caso estou para com o Architecto do theatro. Se o desenho estrangeiro não é defeituoso; se é superior aos dos portuguezes, prefira-se, porque não é esta d'aquellas obras, que, representando exclusivamente um pensamento moral e patriotico, só a mãos portuguezas devam ser confiadas. Seria eu o primeiro que approvasse a preferencia. Um francez fez o *Tunnel* em Londres, um italiano póde fazer o theatro em Lisboa. Se Affonso Domingues tivesse desenhado e edificado o templo de S. Pedro em Roma, a cathedral do bispado romano seria um monumento da sublime architectura symbolica, representaria o pensamento christão, emvez de representar a restauração pagã, e nem por isso a Italia ficaria deshonrada. N'estas coisas ha poesía, ha arte, ha sciencia, não ha nacionalidade. Mas quando sem exame, sem comparação, se antepõe o perigrino e peior ao domestico, e melhor, e quando, como se isso não bastára, se responde ao que em nome da arte appella para a opinião publica, *despreso-te, e recuso o tribunal*, ha, não só uma injustiça contra os artistas menoscabados, e uma injuria immerecida contra quem advoga a causa d'elles, mas um insulto intoleravel feito gratuitamente á nação. Guardar silencio em tal materia fôra vil e covarde. Nunca dentro do meu paiz ou fóra d'elle neguei o nome de portuguez: é tarde, para agora o fazer.

Direi por ultimo, aos que desejam e esperam abrigar-se á sombra protectora de alguns cofres prenhes de oiro, que temam, sirvam, e callem: para esses, aquella sombra é potente! ¿Mas isso que me importa a mim? Quando eu estender para lá a mão vinguem-se então — bem vingados. — Não haja ahi um seitil para quem lhes pedir esmola. ¡Pobre gente! O oiro é forte; mas a imprensa é mais forte do que elle.

A resignação na vontade de Deus e dos homens tambem é uma virtude. Tenham ao menos essa.

A. Herculano.

O MONUMENTO DE D. PEDRO.

1071 ¡E publicou-se isto¡ —

«A commissão creada por decreto de 17 de octubro ultimo, para promover os meios de erigir um «Monumento á Memoria de Sua Magestade Imperial «o Sr. Duque de Bragança, Dador e Restaurador da «Carta Constitucional, e da Liberdade da nação portugueza, desejando que a obra seja digna do grande objecto a que é destinada; convida a todos os «artistas que quizerem apresentar-lhe um desenho «de monumento com uma estatua, para ser erigido «na Praça de D. Pedro da Cidade de Lisboa, a enviar-lho até ao fim de Dezembro do corrente anno.»

«A commissão suppõe este praso sufficiente, persuadida de que todas as pessoas nas circumstancias «de emprehenderem o risco se apressarão a apresentar-lho, considerando-se já esta offerta como um «serviço e um tributo pago á memoria do Augusto «Libertador; prevenindo-as de que elle deve ser «acompanhado de uma memoria descriptiva e do respectivo orçamento; bem como de que o nome do «auctor do desenho preferido será gravado no pedestal do mesmo Monumento. Lisboa, e sala da commissão, em 11 de novembro de 1842. — Duque «de Palmella — Marquez do Fayal — Conde do Farrobo — Visconde de Porto Côvo = Polycarpo José «Machado — José Bento de Araujo — José da Silva «Carvalho — Antonio de Gambôa e Liz.»

Todo o escriptor publico de consciencia tem para com a sociedade officio e deveres de medico: a cada molestia ou chaga ha-de applicar o seu remedio proprio, e não ha-de cançar, nem descançar emquanto o enfermo ou se não levantou ou não morreu; emquanto se podér acudir áquella grande parte do credito portuguez, que se acha intrinsecamente ligada com a historia e edificação d'este Monumento, havemos de pugnar a bem do que for justo e decoroso; e assim, antes de tudo, nos parece, que não andou o Governo bem aconselhado quando para tal fim nomeou tal juncta. — Conhecemos e são notorios os merecimentos e mais partes que concorrem em todos os membros d'ella; mas artistas, que fossem — que nenhum d'elles o é — a escolha e approvação do risco para essa obra nacional só a um jury nacional artistico deveria competir. — ¿Porque se fundou e se mantém a grande custo uma academia de Bellas-Artes? — ¿Porque se procuraram para os seus diversos magisterios os professores mais idoneos? ¿Porque estão elles encarregados de doctrinar e dirigir a mocidade estudiosa? Evidentemente porque se intendeu, que por suas luzes prestimo e zêlo eram mais accommodados, que ninguem, para manter no templo da arte, entre nós, o seu fogo perpetuo. — Cumpria logo que onde tivessemos para fazer uma obra artistica nacional, ou a elles francamente a encommendassemos, e tal a acceitassemos qual saísse de suas mãos, pois que não ha ahi instancia artistica superior á sua — ou que pondo a encommenda em basta publica de talentos, a este mesmo tribunal supremo deixassemos o propôr as condições technicas da obra, o confrontar e comparar os programmas dos concorrentes, e o sentencear a final sobre a preferencia; — para fóra d'estes dois arbitrios, não havia terceiro, que fosse logico, legitimo ou decente.

Enganou-se e errou pois o Governo creando esta

Juncta externa e profana, estabeleceu um arésto, segundo o qual os estudantes de medicina poderão ser examinados pelos professores da Eschola Polytechnica, e os artilheiros pelos mestres da Aula do Commercio; os negocios da Jurisprudencia decididos pela Sociedade Pharmaceutica; e os das artes e officios pela Associação dos Advogados: e nada ha nem mais repugnante, nem mais nocivo em um estado, do que este correr dos interesses por fóra dos seus álveos naturaes. A boa policia da républica, em tres palavras a cifrou, sem no cuidar um poeta romano:

—..... *Tractent fabrilia fabri:*—

—*Tractem ferreiros do que toca a ferro:*—

e em quatro o sabido rifão

—*Ne sutor ultra crepidam:*—

—O çapateiro de çapatos cuide.—

e a rasão é, porque, sobre dever suppôr-se a cada um mais sabedor do seu do que de outro qualquer officio, tambem se deve presumir que para com as coisas d'elle ninguem lhe ganhará em amor e boa vontade.

Nada tem, nem terá nunca o nosso Jornal que ver com as politicas — ajude Deus aos governos, que lhes não faremos nós opposição; mas a verdade, essa ha-de ir sempre aqui pelo seu direito caminho, e pouco se nos dá de saber a quem pertencem os dominios, por onde elle corre. Dizemos portanto e repetimos, não que se quiz errar, mas sómente que se errou — e êrro grave que elle foi — defraudando ao jury artistico de um seu direito inquestionavel — e ao publico, entregando a obra do publico a agencia e superintendencia de meros curiosos. — Que os oito illustres cavalheiros recebessem o honroso encargo de andar promovendo a subscripção — bem estava — poderiam pelos respeitos que a sua opulencia lhes grangêa, desempenhar-se d'elle admiravelmente. — E este seria quanto a nós o primeiro pensamento do ministro; ao demais arrastou-o provavelmente, ou inconsideração desculpavel, e ás vezes inevitavel em quem vive affogado em negocios, ou alguma consideração, que tambem ás vezes por inevitaveis, não são ellas menos credoras de desculpa: — se consideração foi, não nos toca moralisala, nem a conhecemos: — se foi inconsideração, temos direito para esperar, que, pelos mesmos fios por onde se urdiu se destrame a têa, e se reponham as coisas onde cabem.

Passemos porém do que fizeram os nomeadores ao que estão fazendo os nomeados.

«*Desejando*, diz a Juncta, *que a obra seja digna «do grande objecto, a que é destinada convida a to«dos os artistas etc.*» — Uma palavra esqueceu aqui á Juncta, cuja necessidade nós lhe haviamos demonstrado no nosso artigo 964, cuja indispensabilidade nenhum portuguez deixa hoje de reconhecer, e cuja omissão, omissão incompreensivel, vae tornar forçosamente nullo o effeito de tal convite. — Convida a Juncta a todos os artistas quando os que havia de convidar eram só os artistas nacionaes; e declarar desde logo, e mui explicitamente, que as proposições de quaesquer outros por nenhum modo seriam aceitas. A falta d'estas quatro sillabas — naci-o-naes — que; não sabemos porque! tão difficeis parecem de pronunciar — fará, afoitamente o predizemos, que nem um só risco portuguez será enviado a tal concurso; podendo desde já contar o Sr. Lodi com a delicia de esculpir no pedestal do monumento *il suo nome* FORTUNATO por baixo do nome de d. pedro.

Mais de uma prova podéramos exhibir da affirmativa, mas basta uma. — Rogamos que se lêa com attenção a carta que ha já duas semanas recebemos, e que por sua autographia, na falta de assignatura, nos revela haver sido o seu auctor um de nossos architectos mais distinctos.

«*Sr. Redactor.* — Tive o gosto de receber, di«rigido a mim, por lettra do Sr. Fortunato Lodi, «encarregado do Plano e edificação do Novo Thea«tro Nacional o n.° 10 do periodico — Espelho do »Palco — Senti-me entrado de admiração e reconhe«cimento com esta inopinada offerta; — depois me «occorreu que poderia vir alli a resposta, bem que «tardia, ás prudentes e cathegoricas perguntas, que «eu havia tido a honra de lhe endereçar no n.° 2117 «do *Nacional.* — Mas o papel, com que o Sr. Lodi «me brindava, só tinha por alvo, segundo pude «depreender da sua leitura, por muitas vezes repe«tida, o destruir a impressão da analyse, que ao «risco theatral do mesmo Sr. Lodi havia feito e pu«blicado o Exmo Sr. Visconde de Villarinho de S. «Romão. Era demais um desafogo, que elle preten«dia tomar contra o desacato, que á sua italiana ma«gestade haviam tambem feito, á imitação do Sr. «Visconde, os escriptores da Revista Universal, «portuguezes, amigos e defensores de tudo que é «portuguez. Era finalmente uma vingança, que pre«sumia tirar dos tres auctores d'esses artigos, e con«tra os tres milhões dos que os approvam, por co«nhecerem e detestarem o capcioso procedimento «posto por obra, como é notorio, contra os archi«tectos portuguezes concorrentes: — os quaes apesar «dos arrasoados do Espelho do Palco não poderão já«mais incluir em o numero de seus generosos con«tendores, ao Sr. Lodi, que emvez de justar com «elles na arêna artistica, esteve aguardando de longe «o desastroso termo da lucta, coadjuvando depois «o enterramento dos mortos, e arvorando sobre as «suas campas rasas o estandarte de um triumpho «imaginario.»

«Não me farei cargo de demonstrar até que ponto «podem os tres aranzeis insertos no papel, que o Sr. «Lodi recommendou á minha leitura, destruir as sé«rias reflexões do Sr. Visconde, relativas ás incon«sequencias do projecto em questão, por saber que «aquelle fidalgo não carece do meu ineficaz auxilio «para rebater uma por uma todas as asserções alli «expendidas. E ainda que tenha já formado o meu «juizo a respeito, do que póde vir a ser, e do quan«to deve custar aos credulos portuguezes, o Novo «Theatro, não só pelo que observei nos differentes «pormenores do plano, mas tambem pelo que geral«mente notam os intendedores ávista do methodo, «com que se fez o orçamento da obra, e do como «vão procedendo o Sr. Lodi, italiano, e o seu va«lente Cerinéu, portuguez, n'aquella construcção, «estou firmemente convencido, que não é possivel, «não é prudente, não é necessario, nem é util ante«cipar quaesquer idéas; não só porque ainda nin«guem sabe ao certo, em que termos deve ficar o «plano, que o Sr. Lodi está todos os dias alindan-

«do muito a seu salvo, segundo lh'o permitte a car-«ta branca, que lhe outorgaram no mesmo dia, em «que foram mettidos em despotico concelho militar «os illudidos concorrentes portuguezes; mas tam-«bem por julgar eu, que as obras de misericordia «não devem ser tão elasticas, que aproveitem áquel-«les que contra ellas se revoltam. Appareça o cada-«ver *Quasimodo*, que os facultativos só á vista das «feridas, fracturas e contusões é que podem e sa-«bem fazer um exacto *corpo de delicto*.»

«Resta-me somente dizer ao Sr. Lodi — que os «architectos portuguezes não querem aceitar, nem «podem agradecer o seu convite, para o concurso «do Plano do Monumento, que deve ser erigido em «honra de Sua Magestade Imperial o Sr. D. Pedro «Duque de Bragança, de Saudosissima Memoria — «e isto por motivos assás obvios, quaes os de não «considerarem o Sr. Lodi devidamente auctorisado «para lhes fazer um similhante convite; e ainda «quando o estivesse, não iriam ao reclamo tão facil-«mente. Se tornarem a entrar em algum concurso «ha-de se lhes provar primeiro, que os seus juizes, «para bem julgarem, do que os mais fazem, sabem «tambem fazer o de que julgam..... E demais «o Sr. Lodi, segundo a eminente cathegoria de ar-«chitecto civil, a que o elevaram os seus poderosos «Mecenas, val por todos os concursos, e por todos «os architectos portuguezes passados, presentes e fu-«turos.....»

«Se a V. parecerem justas estas mal alivanha-«das reflexões de um artista menoscabado, e ulti-«mamente provocado, dê-lhe publicidade nas colum-«nas do seu luminoso periodico; do contrario fi-«quem ellas tão esquecidas e ignoradas como o seu «auctor. Lisboa 10 de novembro de 1842. Um dos «architectos concorrentes.»

Não ha fallar mais desenganado, nem mais portuguez. — Se pois a Juncta não deseja por uma strategia fraudulosa afastar toda a sombra de concorrencia, para que o forasteiro cinja o loiro sem haver combatido, se pretende sinceramente, nobremente, e patrioticamente ver entrar no estádio os ingenhos nacionaes, reforme o seu convite, accrescente-lhe as quatro sillabas — degradadas — e verá como a terra que D. Pedro redemiu, não é, segundo pretendem inculcar a toda essa Europa, um ninho e viveiro só de barbaros e ignorantes.

Monumento com uma *Estatua*, diz tambem a Juncta; — e é essa outra clausula que necessita de reforma. — Um monumento lhe pediu o Governo, um monumento é o que ella só está auctorisada para pedir. — E de mais ¿¡ quem para mandar ao genio que vôe, começou jámais por lhe atar as azas!? Deixae ao artista a escolha dos meios com que ha-de produzir o seu effeito. Ha monumentos sem estatuas mais sublimes que todas as estatuas. Imaginae tresentas concebidas e executadas por Phidias, por Machado, ou por Thorwaldson, que digam tanto — como aquelle padrão, que um artista inspirado, riscou para Voltaire — um simples tumulo, e de dentro d'elle levantando-se um braço collossal e firme, que arvora um immenso facho!

N'esta parte mais somos generosos, do que infestos ao Sr. Lodi. Temos estatuarios, temos dignos discipulos do auctor da Estatua Equestre, e o Sr. Lodi, segundo nos affirmam, não é verdadeiramente mais do que pintor, não sabemos de que género. — Temos esculptores, que em qualquer concurso honesto se apressariam de ir colher palmas; — têmol-os, e desejamos-lhes triumphos, porque são gente da nossa terra — mas achâmos illiberal, mesquinho e anachronico fazer-se da gloria do Libertador uma especie de oiteiro de abbadeçado, e vêr a Ex.ma Juncta do alto do seu balcão, dando aos talentos um mote para glosarem!

«Monumento com Estatua.»

De duas coisas poderia a Juncta haver certeza se persistisse em não emendar o seu convite — 1.ª de que apezar de magestaticamente prometter aos concorrentes, que a offerta do seu risco será considerada *como um serviço*, nem um só artista nacional irá, como na antiguidade os reis vencidos, puxar o carro triumphal ao Sr. Fortunato. — 2.ª que á hora de saír com a bacia pedindo esmola para o monumento do Sr. Fortunato, não ouvirá caír n'ella uma unica moeda de cobre gravada com a legenda Portugaliæ et Algarbiorum! — Bem sabemos que a Juncta se compõe de opulentos e generosos, que poderão á sua custa fabricar padrões de diamantes emvez de marmore, fundir estatuas de oiro emvez de bronze — sim: — mas um monumento assim feito, será da Juncta e não da Patria — será do Sr. Fortunato e não do Senhor D. Pedro — será de tudo, menos de gloria.

Quanto a nós, a nossa oblata, pequena, qual nol-a consente a pouquidão da nossa fortuna, ha-de ser consagrada á lembrança do Principe, que louvámos em vida, e que ainda depois de morto estamos defendendo: — ha-de-lhe ser pontualmente apresentada — ¿ mais sabeis onde? no cofre dos asylos da velhice ou da infancia, que elle fundou e protegeu — ou na bolsa que se abrir para receber os soccorros, que hão-de ir estancar algumas lagrimas aos nossos perdidos irmãos da ilha da Madeira!!....

Parâmos aqui.

Se a Juncta desfizer honradamente a sua obra, em louvores lhe daremos centuplicado o que lhe demos em censura. — Se o Governo, pela sentir contumaz e incorrigivel, a dissolve e transfére a sua commissão, para onde verdadeiramente ella pertence, pregoaremos esse feito como uma das mais magnanimas heroicidades, de que ha memoria nos fastos governativos.

PROSPECTO.

1072 Pretende-se imprimir, logo que haja sufficiente numero de assignaturas, o drama original portuguez, em tres partes, intitulado — O Pagem d'Aljubarrota — por José da Silva Mendes Leal Junior, com prologo pelo mesmo.

O drama e o auctor são nacionaes: conta-se com o auxilio dos portuguezes.

A edição ha-de ser nítida e correcta: o preço da assignatura é de 360 réis, pagos no acto da entrega do respectivo volume.

Assigna-se nas lojas de João Henriques, rua Augusta n.º 1, e na de Plantier, rua do Oiro.